

Coisas de livros

[ABiblioteca]

por Armando Ferreira



daFRAGA
livros • edições

– E aqui?

– Era a saleta de música. As irmãs do senhor marquês, em novinhas, passavam aqui as tardes.

Uma no cravo...

– Outra na ferradura! Ah! Ah! Ah! – e de tal maneira gargalhou o Sebastião, que o Inocêncio, procurador, não só interrompeu as explicações como ficou inquieto, com receio que o carão vermelhaço e a pescoceira a estostrar no colarinho de goma de bicos revirados, do comprador, rebentasse com o inchaço sangüíneo. Mas, o que o inquietava era a dúvida, se seria sangue ou vinho, o que ia sair do apoplético Sebastião das carnes.

E, parecia não acabar, sufocado em riso:

– Ah! Ah! Mas que manias as dos fidalgos! Tanta toleima com as meninas, para ficarem para tias... E olhe que a Dona Clarinha era tão estica, tão carga de ossos, que, *rais me comam*, se não passava fome...

– Ó senhor Sebastião!

– Não comiam, já lhe disse, com a mania que era ordinário comer... Nem chispe, nem bacalhau... nem presuntos... Só bicos de rouxinóis... Lembra-me muito bem, de meu pai dizer, que nunca do nosso talho saíu para o palacete mais do que uns “rinzes” de carneiro, uns miolinhos... Quem não come não tem fôrças para trabalhar! Por isso deu com as fazendas no chão...

– O senhor marquês trabalhava de outra forma; era um intelectual; levou vinte anos a estudar e a escrever um livro sôbre a sua árvore...

– Vinte anos só com uma árvore!... Que animal! E as oliveiras, e os pomares sem terem quem olhasse por eles...

– Não é nada disso. Bom... bom... Quere ver o resto?

– Vamos lá...

O procurador do dr. Jorge Castro, filho do falecido marquês, no Brasil desde muito novo, encolheu os ombros e guiou o Sebastião pelos salões desertos.

– A sala azul... uma salinha... e a biblioteca.

Vinha um cheiro a mofo, das estantes altas com rêde de arame onde se alinhavam, adormecidos havia muito, os volumes queridos do velho marquês literato. O Sebastião estranhou:

– Ora vejam lá! Tantas riquezas e põem portas de capoeiras à livralhada! Não lhe parece que cheira aqui a bafio? Isto até faz mal à saúde!

– Mas eu mando tirar os cinco mil volumes...

– Daqui não sai nada. Eu já lhe disse que a minha proposta é para comprar tudo, tal e “cal” como estava no tempo em que a minha senhora, a Marcolina, andava cá aos recados...

– Mas... eu não tenho instruções para me desfazer da livraria...

– Já “le” disse; é pegar ou largar. Três mil contos ninguém oferecia por êste casarão que até mete medo à gente. É um capricho... acabou-se! Mas daqui não sai nada, ouviu? Talvez passe os livros lá para baixo, para a cave, e ponha nestes armários a garrafeira; mas, o mais fica tudo, como no tempo dos marqueses...

*

* *

A operação efectuou-se; o Sebastião, das carnes, como era conhecido na vila, depois de ter andado uns quinze anos por fora, em seguida a ter passado o talho do pai por ocasião da apreensão de cinqüenta quilos de carne podre de burro que vendia como vitela imaculada, regressara à terra natal com a sua Marcolina e a filha *Ógenia*, disposto a gozar a tranquilidade da vida sem cuidados. Vinha rico, e eles gostavam que se soubesse. O Sebastião, aos velhos conhecimentos e fregueses, tratava com superioridade, e quando lhe preguntavam se era verdade que fizera fortuna com o “Consórcio das Carnes”, dizia:

– Fez-se o que se pôde, mas não foi com o “consórcio”. O que tenho, devo-o principalmente à “Porcaria”, um negociozinho para Espanha, em que me meti, sem sócios. Isto – acrescentava êle todo inchado – quem tem unhas é que toca guitarra. Vou fazer um “chalet” e viver descansado.

Quando veio a notícia que o solar dos Castros se ia vender, a Marcolina sentiu um “baque” no coração. Podia ser a “dona” daquela casa onde servira, em moça. Ao Sebastião, a idéia também era grata. E, em pouco tempo, o palácio era deles. Mas, só então, começaram as preocupações sobre o destino a dar a tantos compartimentos.

– Afina, – dizia o Sebastião – julgava ter comprado um palácio, e fiquei com um “hótele”. Temos de mandar vir para cá os compadres, a tua tia da Beira, arranjam-se dois quartos para visitas...

Aos amigos segredava que fôra uma “pechincha”, e que por mais uns “quilos” quási comprara também o “títalo” para a sua Maria *Ogénia*. Realmente, no final da escritura, dissera ao procurador dos Castros, com verdadeira sinceridade:

– “Quando escrever ao senhor marquês, lá para o Brasil, diga-lhe que a casa continua às suas ordens; pode vir quando quiser que é bem ‘arrecebido’... e que cá a nossa morgada, aé gostava de o conhecer...”

Homem prático, de negócios, depois da compra efectuada, mandou vir u avaliador, para, minuciosamente, peça por peça, saber quanto ganhara naquele negócio.

Com a “Biblioteca”, então, a sua desconfiança era imensa. Desconfiança física e moral. Não acreditava que aqueles catrapázios, amarelados ou a amarelecer, tivessem qualquer valor. E além da desconfiança do seu preço, tinha-lhes respeito, como que vergonha deles. Aquêles livros todos sabiam mais do que êle, troçavam talvez dêle, eram uma humilhação para a sua superioridade de homem rico! Se pudesse acabar com “eles”, mas como encher as paredes? Mediu: eram mais de cinquenta metros quadrados? A garrafeira tinha de continuar nas caves por causa da frescura. Aquêles volumes todos, a fornecerem traças à casa toda e a pesarem por detrás da sua rêde de arame, no aspecto geral espampanante que o Sebastião estava dando aos salões, preocupavam-no.

– Mas isto vale alguma coisa? Sim, eu não quero dizer, valor como escrituração, porque a esse respeito já sei que não são grande coisa; a minha Maria *Ogénia*, que é muito dada a leituras e lê todos os romances e folhetins, não pega em nenhum dêstes monos. São escritos ainda no tempo em que não se escrevia como agora. Eu queria saber, era, se... têm algum valor para vender, para trocar por coisas novas e modernas...

O avaliador ia abrindo êste, aquêle volume, e informou-o:

– O senhor tem aqui livros antigos e livros modernos. A biblioteca, a vender-se, rende uma boa centena de contos. Podíamos fazer dois leilões: um com as antiguidades e raridades, e, outro, com os livros vulgares, que não valem quási nada. Mal empregadas encadernações...

– Vendem-se as encadernações! Então, eu comprei uma coisa que não vale nada?

Mas, o avaliador pôs os óculos para a testa, meteu o nariz dentro da capa e encontrou, no livro que estava folheando, qualquer coisa que lhe chamou a atenção:

– Ah! Espere, espere. Temos alguns autografados. São livros oferecidos ao Marquês de Castro; o caso muda de figura! Olhe, o *Só* o que diz: “Ao ilustre Marquês de Castro, estes versos

do seu admirador, António Nobre”. Aqui tem outro: *A Ribeira de Lisboa* “Ao colega e eminente investigador Marquês de Castro, o seu camarada Júlio de Castilho”.

– Então? – perguntava, suspenso, o Sebastião.

– O amigo tem sorte. Os livros assim valem mais do dobro! Parece que o antigo Marquês era uma pessoa considerada nas letras...

– Ah!

– Mas que sorte! Olhe êste: “Ao espírito erudito e ao investigador amigo estas *Farpas*, do seu admirador Ramalho Ortigão.”

– Umas farpas?

– Homem; as assinaturas dos autores é que dão valor a estas edições vulgares. Em leilão vão ser disputados renhidamente...

– Ah!

– Isto, bem arranjado, e bem lotado... dá-lhe uma fortuna. Eu deixo-lhe o meu cartão. É só escrever-me e eu trato de tudo...

*
* *

Sebastião ficara espantado! E, como “quem tem unhas é que toca guitarra”, e êle tinha-as, bem grossas e pretas, autênticas unhas de homem de *iniciativa e trabalho*, não hesitou. Encarregou um *fingidor*, de pintar nas paredes da Biblioteca, as lombadas de centenas de livros, onde nem as traças, nem outros bichinhos entrariam, e encaixotou para Lisboa, a *livraria* do velho marquês, literato e investigador.

Esfregou as mãos de contente e disse para a Marcolina:

– Que grande negócio!

Quando chegou à cidade e foi falar com o encarregado do Leilão ficou novamente surpreendido. Êste disse-lhe, com mau humor:

– O senhor Sebastião sempre arranja cada uma! Temos tudo estragado! Isto não é brincadeira...

– Ómessa! O que foi?

– Leia. – Foi buscar dois ou três volumes do lote dos clássicos e mostrou-lhe o primeiro, que tinha o título *O Velho da Horta*. – Aqui está: “Ao amigo Marquês de Castro, o camarada Gil vicente”. Veja este exemplar dos *Lusíadas*: “Ao colega e companheiro de colégio, Marquês de Castro, o seu para a vida e para a morte, Luís de Camões”. E nos sermões do Padre António

Vieira... cá está: “Ao senhor Marquês de Castro, recordação das boas tardes que passámos juntos com o seu capelão... Padre António...”

O Sebastião fãrtou-se, então, de rir:

– Ah! Ah! Ah! Você é finório! Percebeu que fui eu! Pois é verdade. Passei um mês, mais a família, a valorizar a mercadoria! Mas deixe lá! Os tipos não conhecem a letra, e assim os livros valem o dobro. Não foi o que o senhor disse?

(in Coisas da Maria Rita: contos bem humorados, 1943).